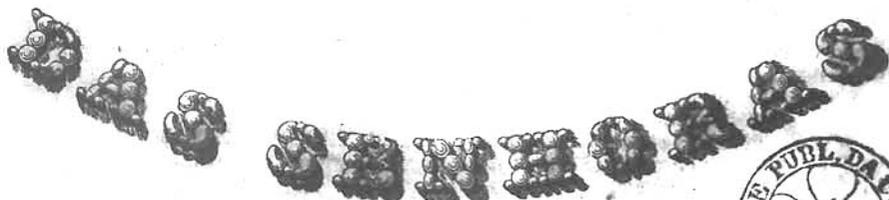


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

MODAS.

Finalmente o verão de Pariz trouxe-nos este anno uma novidade notavel. A absoluta e caprichosa Moda, que parecia adormecer sobre os folhos e vestidos afogados, despertou, e no seu primeiro instante de alento determinou a reforma do bico de vestido. Immediatamente partirão para toda a parte os correios da soberana dos toucadores com as terminantes ordens do imperio do seu querer exclusivo; as ordens chegarão todas ao mesmo tempo, as modistas tomáráo as thesouras, abrirão, e ao fechal-as.... adeusbicos! forão-se todos elles!

Com effeito bastante razão teve a Moda em lembrar-se da aposentadoria do Sr. bico: já bem antigo era no seu ministerio. Que bem importantes serviços prestou elle....

Outro tanto não aconteceu com as cinturas o não lhe achei motivo para, no inverno do ann; passado, exigir que ellas chegassem a ser tão curtas como ha 80 annos se usavão. Os extremos desta laureira são mui singulares! Como absoluta que é, também soffre ás vezes suas pequenas reacções, o mundo elegante não esteve pela imposição, reagiu; e então para não desgostar a soberana, que era capaz de impor cousa peor, concordou prudentemente em collocar a cintura

no meio termo: nem mui baixa como chegarão a usar as costureiras (Grisettes) de Pariz, que é enorme desairosa, nem mui curta quasi por baixo dos braços como impozerá a Moda, por ser reconhecidamente impropria tal revolução contra o talhe do corpo humano. Hoje pois está a cintura, pôde-se dizer, no logar que naturalmente lhe compete: conhece-se que não é cintura baixa entretanto que ostenta toda a elegancia do seu talhe esbelto.

Uma importante vantagem resulta desta cintura, que vós, querida leitora, deveis ter experimentado sempre que vos espartilhais, que vem a ser—o livre movimento do corpo e a nenhuma contrafacção em que nos achamos entre o espartilho moderno (se elle fór habilmente talhado, do contrario é antes um insuportavel martyrio) muito principalmente porque deixa revelar toda a graça de um corpo elegante, o qual, arrochado entre os cruéis espartilhos de cintura baixa, tornava-se dolorosamente contrafeito.

Estes antigos espartilhos felizmente devem já ter acabado para todas as senhoras em geral; e agora que os bicos forão aposentados, estou que de uma vez serão banidos de todos os guarda-roupas do bom-tom.

Digo que serão banidos, porque estou certa que vós conheceis perfeitamente que taes espartilhos não podem servir para a moda de hoje; é mais economico comprar-se outro que conservar o velho. E já que tanto tenho fallado em espartilhos, dir-vos-hei de passagem que elle é o mais

importante objecto para o *toilette* de uma senhora: com um mào espartilho não ha vestido bem talhado que preste, não ha elegancia que realce. Ensino-vos um meio de o escolherdes sem receio de escolherdes mal.—Quando fordes á modista proval-o, se depois de atacado, elle, em vez de vos contrafazer e molestar-vos der um certo ajuste ao corpo que vos torne mais agil e fiquem os vossos movimentos inteiramente livres, acceitai-o que é esse o melhor espartilho.—O arrocamento em tal caso prova o seu pessimo talho e a pouca habilidade da modista.

Mas vamos aos bicos que ficarão para o lado com estas minhas digressões. Estão com effeito, querida leitora, de uma vez banidos da moda: o bom-tom parisiense decretou e as modistas referendarão o decreto da sua reforma.

Mas não penseis, querida leitora, que os parisienses de chofre fazem uma revolução na moda; não a desenthronisão; pelo contrario com todo o geito e a te elles curão da perpetuidade da sua *dymnastia*, sustentando-lhe á força de todo o seu poder. Por isso forão gradualmente; reformarão os bicos, mas por ora entenderão que fosse somente nos vestidos de corpo franzido, decotados ou afogados; os vestidos de corpo liso para grande baile ainda conservarão os bicos provisoriamente.

A nossa estampa de hoje e todas aquellas que forem modernas recebidas pelo ultimo paquete (que são as do mez de agosto publicadas em Paris) comprovarão o que acabo de dizer. Demais tende a bondade de observar d'aqui em diante que todos os figurinos que vierem chegando nos Jornaes francezes modernos hão de vos apresentar a mesma moda.—Cintura curta e redonda, nos vestidos de corpo franzido.

O que quer dizer, que o *Jornal das Senhoras* faz todo o possivel por vos mostrar o que ha de mais moderno desde que o moderno e o mais elegante chega ao Rio de Janeiro.

E antes que eu continue com outra digressão a respeito de figurinos, vou explicar-vos a nossa estampa.

DISCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

A figura da direita representa um *toilette* de baile no campo—vestido de nobreza branca enfeitado com dois mui franzidos folhos recortados a ferro, por sobre o pregado de cada um delles passa um cresposinho da mesma fazenda, tambem recortado a ferro—cabeção da mesma nobreza e ornado de duas ordens dos cresposinhos—Por cima deste vestido desenvolve-se uma tunica *à la grec* de finissima tarlatana branca muito transparente semeada de rosas bordadas em seda com um cresposinho tambem cor de rosa guarnecendo o seu engraçado talho—Corpo franzido, cintura redonda e cinto de veludo preto, não com sivelas, mas com laço de pontas volantes—mangas justas e curtas enfeitadas com laços iguaes de veludo preto, luvas brancas e laços de veludo em lugar de pulseiras—Penteado de bandós encrespados e uma gri-

nada de rosas sem folhagem unicamente guarnecendo-lhe a trança e fechada nesse logar por um outro laço de veludo preto de longas pontas fluctuantes.

A figura da esquerda representa um *toilette* de passeio.—Vestido de barege *feutre* com três largos folhos separados igualmente, enriquecidos de guarnições impressas de rosas de cores matizadas. Bem junto ao pregado do primeiro percorre uma fita encrespada imitando as cores das guarnições tomando estes tres folhos as tres quartas partes da altura da saia.—Corpinho afogado, franzido nos hombros e na cintura somente, para simular pregas altas e soltas; mas este corpinho não deve ser forrado, que é para deixar revelar-se pela transparencia do barege a delicada modestia de cambráia bordada que por dentro reveste todo o peito.—A gola do vestido é orlada com uma rendinha de bicos.—Cintura redonda, cinto de fita escoceza com sivela e relógio preso em largo grilhão.—Mangas semicurtas, de talho diagonal, guarnecidas de fita estreita encrespada igual á dos folhos.—Chapéu de palha cinzenta enfeitado simplesmente, flores por dentro das abas e uma fita larga escoceza que lhe envolve a copa; descendo em duas pontas para formar o laço.—Pulseiras de fantasia, luvas cor de carne, lenço de cambráia de linho bordada.

22 de outubro.

Christina.

EMANCIPAÇÃO MORAL DA MULHER.

Dignissima Redactora em Chefe do Jornal das Senhoras.

Domingo passado continhão as columnas do *Novo Correio de Modas* um artigo intitulado—*A Emancipação das Mulheres*. Como fui eu a primeira que fallei na Emancipação moral da Mulher, sempre que uma penna estúpida ou mal intencionada pretenda manchar, torcer ou desfigurar as minhas doutrinas, eu levantarei a luva de desafio e sustenterei principios reconhecidos hoje e outr'ora pelas sociedades civilizadas, e jamais consentirei que o halito impuro da calumnia e do ridiculo obscureça verdades eternas de baixo de cujo dominio estamos, e que cada dia conquistão novos privilegios, e que tendo necessidades vitais do progresso, tendencia inherente á humanidade, ellas triumpharão um dia como tem triumphado a liberdade dos cultos e a liberdade do espirito humano; quando vejais emmudecer os apóstolos da VERDADE, quando vejais reagir sobre as sociedades o espirito reaccionario, não vos assusteis, são crises naturaes da luta; a humanidade não retrocede jamais; o destino que Deus lhe marcou foi o PROGRESSO, e elle ha de triumphar.

Ora, pois que assim o querem, fallaremos mais uma vez ainda sobre—*A Emancipação moral ou intellectual da Mulher!*

—Eu tenho a consciencia de ter sido tão explicita, tão clara na exposição de minhas idéas, que

brilhar. Deixai que estude a mulher até os vinte annos; mas não lhe deis o titulo—Senhora—sem que ella vos tenha inteiramente provado que é digna delle; ah! pensais que uma menina de dez-aseis annos possa, sem outro titulo mais do que lindos cabellos e lindos olhos, ter direito a uma posição que deve ser agrinaldada pelo saber que é sempre relativo ?

Que filhos pretendeis dar ao mundo, que de vós reclama cidadãos illustrados? Pensais que uma mãe ignorante, não deve ser um objecto de compaixão, na sociedade illustrada do seculo actual ?

Compreendei; não queremos que façais doutores de todas as mulheres; mas dai-lhe a theoria daquillo que todo o homem tem de saber, conforme as circumstancias e posição de cada um. Pensai; não são nos bailes que se illustrão vossas filhas, mas nos bons, nos illustrados collegios, ou de preferencia em vossas casas. A educação e instrucção, que vossas mulheres derem a vossas filhas serão inimitaveis.

Tremei; vossas filhas ignorantes estão expostas a perigos immensos; porque sendo ignorantes, ellas não procurarão senão a materialidade dos prazeres banaes da sua vaidade, e....

Fazei a mulher com instrucção igual á do homem, e os vindouros fallarão com respeito desta geração; eis o que é o verdadeiro progresso, aquelle que tem de trazer os outros.

Emancipai a mulher, mas não lhe deis a licença; porque a mulher tem tanto direito a *procurar a sua subsistencia* como o homem e as familias não conservarão na *ociosidade* tantas filhas maiores.

Antes de tudo porém bons costumes e instrucção.

L. C. d'A.



SERÁ ROMANTICA ?

Linda moça dos olhos travessos,
Linda flor invejada das flores,
Tu suspiras? tu ris? o que tens?
• Linda moça—quem são teus amores?

Entre doces folguedos brincando,
Tu és graças—mimosos primores!
De repente emmudeces—és triste!
Linda moça—quem são teus amores?

Porque vem do teu riso formoso
Uma nuvem roubar os fulgores?
Porque tremes—e pallida choras?
Linda moça—quem são teus amores?

Se nos bailes princeza donosa
Tens o culto de mil servidores,
Porque passas por elles zombando?
Linda moça—quem são teus amores?

Porque foges da turba e só buscas
Lá da selva os escuros horrores!
Porque vais tu gemer entre as brenhas?
Linda moça—quem são teus amores?

Porque vagas sózinha scismando
Do jardim entre os gratos verdores?
Porque á beira do lago soluças?
Linda moça—quem são teus amores?

Porque ao frouxo brilhar dessa lua,
De gemidos—de magoas—de dôres
Soltas triste—teu canto sentido?
Linda moça—quem são teus amores?

Que mysterios da mente te pungem
Linda flor invejada das flores?
Oh! revela-me a dôr do teu peito!
Linda moça—quem são teus amores?

12 de outubro 1852.

S...



KAROLINA,

novela polaca do XIX seculo.

III.

OS PAIS EM CASA DE SEUS FILHOS.

Continuado.

Quando o correio veio annunciar que o Palatino se aproximava ao castello, o conde e a condeza sahirão ao seu encontro.

Qualquer outra mulher no logar de Karolina, teria imputado ao pai a conducta do filho; mas Karolina, resignada pelo amor e o dever, soube abafar a te o mais leve indicio do seu resentimento, em modo tal que o Palatino, homem do mundo, homem de dar muita importancia ás exterioridades, devêra ficar contente pelo acoelhimento de sua nora.

Pouco depois do Palatino chegarão tambem os pais de Karolina, que ao cabo de tres semanas, vinhão pressurosos ver sua filha, abraçal-a e testemunhar sua felicidade. Ah! que indissivel alegria não causou esta entrevista!

Karolina recebeu sua mãe de joelhos.

Então, o respeito aos pais era ainda uma das nossas principaes virtudes. Não ousava um filho

assentar-se diante de seu pai sem sua licença, e menos fallar-lhe sem que elle o interrogasse.

Madame Dobromir havia repetidas vezes contado a Karolina que seu pai a abraçara pela primeira vez no dia do seu casamento, e que esta felicidade inesperada lhe causara tamanha alegria, que perdera os sentidos. Karolina tinha sido educada nos mesmos sentimentos: tomou a attitude de quem está resando, porque faltavão-lhe palavras e affectos com que exprimisse o seu abalo. O proprio Leão, presenciando uma dedicação tão terna e tão respeitosa, tambem se commoveu por um momento. Todo o castello de Modrogora deslumbrou pelo luxo nas alfaías; tudo emfim se apresentava com um aspecto verdadeiramente real para a recepção dos pais de Karolina, que de principio ficarão maravilhados.

Quando na noite de sua chegada elles se recolherão ao quarto que lhes havia sido destinado, o copeiro do rei começou a congratular-se pela felicidade de sua filha.

—Na verdade, dizia elle, era impossivel achar melhor...

Karolina, replicou a copeira está com ar de fatigada, pallida e com olheiras; parece ter chorado.

O copeiro, dando uma grande risada, lhe tornou:

—Pois eu estou bem contente; era assim mesmo que eu esperava achala.

Karolina ficou a sós com sua mãe.

Ah! quanto não foi cruel este momento! sempre leal, sempre verdadeiro, quanto lhe não custaria guardar no seu coração o segredo da sua dôr. Ella que antes do seu casamento contava todas as noites a sua mãe tudo o que lhe tinha vindo ao pensamento, todas estas pequenas inquietações de repariga, tudo emfim que ella chamava seus peccados e mãos pen amentos; ella que não podia dormir socegada, sem que sua mãe a tivesse absolvido. E todavia estava prohibida de fallar, pois que sua mãe nos seus piedosos ditames lhe tinha ensinado — « que o primeiro dever da mulher é o juizo e a discrição. Se teu marido te confiar um segredo, seja este um deposito sagrado, do qual não podes dispôr por pretexto algum; nem mesmo tua propria mãe tem direito para o saber. »

Lembrava-se Karolina deste formulario, e fizera teução firme de não dizer nada a sua mãe. No entretanto cousas havião que Madame Dobromir queria saber, mas não lhe occorrião os meios de encetal-as. Depois de reflectir por algum tempo, depois de compôr e recompor tres ou quatro frases, disse ella á filha:

—Ora bem, meu caro anjo, depois do que se tem passado, nada tens que me dizer? como te achas?

Muito bem, minha querida maman.

—Sim, sei que está muito bem; sei que possues um castello magnifico, que por toda a parte te cerca o luxo e a grandeza; mas como se houve teu marido no dia do teu casamento? Dize-me tudo, minha cara filha: as tuas cartas não me informarão de ~~usa~~ alguma, nada me contaste desses primeiros dias...

—Ha cousas, replicou Karolina, difficeis para se escreverem e ainda mais para se dizerem; e proferindo estas palavras corou.

Mas o que posso affiançar-vos é que meu marido me trata excellentemente; não se pode ser melhor não o duvideis...

—Seja assim, minha filha, mas cumpre confessar que vivem juntos de um modo singular! se não me engano cada um tem seu quarto separado... Acredito que não entra n'isto capricho teu, porque não são estes os exemplos que tu viste.

Karolina corou ainda mais, e abaixou a cabeça.

—Bem sabeis, maman, replicou ella depois de um instante de silencio, que estes senhores da alta nobreza vivem de um modo differente do nosso, e especialmente os que tem viajado.

—Singular modo! respondeu a mãe tristemente: visfo isso, coitada, estás sempre só.

—Oh! não minha mãe, elle vem muitas vezes ao meu quarto, lemos juntos livros interessantes e instructivos, e depois vamos passear juntos. Leão é tão bom, é tão nobre, que o meu unico pensamento é tornar-me digna d'elle.

Acabada esta conversação que Madame Dobromir quizera levar mais adiante, entrou ella no seu quarto para se vestir. Laskoska sua criada grave ahi a esperava; e porque a visse algum tanto de máo humor, Madame Dobromir, que era a bondade em pessoa, disse-lhe:

—Esperaste por mim muito tempo, Laskoska, não é assim? mas que hade ser se estive com minha filha.

—A senhora bem sabe, respondeu Laskoska, que eu estou sempre as suas ordens.

Sim, mas que é o que tendes? A modo que estais triste; querieis talvez voltar para Varsovia?

—Por certo que não. minha senhora, acho-me bem aqui, mas...

—E que quereis dizer com este mas?...

—Ora eu tenho medo de fallar á senhora!

—Deixemo-nos disso, explicai-vos Laskoska; aborreço esses modos mysteriosos.

—Como acha a senhora a Mademoiselle Karolina?

—Supponho que fallais da condessa Leão: bom é que não vos expliqueis de outra sorte, porque meu marido o levaria muito a mal.

—Se elle soubesse o que eu sei, não era comigo que elle se enfadaria; cuidaria por certo em outras cousas.

—Pois que sabeis vós, pergantou com anciedade Madame Dobromir?

Ah! minha senhora, nem tudo o que luz é ouro. Quem poderia acreditar que a boa Mademoiselle Karolina...

Vamos, explicai-vos Laskoska, que já não posso mais...

—Pois sim, com condição porém de que a senhora não me ralhará, nem irá dizer que eu sou uma chocalheira. Sim senhora, o Sr. conde fecha-se no seu quarto dias e noites inteiras; escreve, recebe cartas e manda correios á Varsovia. Ha quem diga que o Sr. conde tem na Italia outra mulher, uma princeza, uma feiti-

ceira: a cousa conta-se por diferentes modos, mas o que ha de certo é que elle não quer ver a ninguém, e que só o serve um criado francez, ou italiano, ou allemão, ou o diabo: enfim ninguém se entende com tal historia.

Neste comenos entrou o *copeiro* e reparando na perturbação da mulher, suspeitou logo que a cousa vinha de Laskoska. Esta suspeita tornou-o furioso, bateu com os pés, ralhou, gritou e desmandou-se a ponto tal que sua mulher recebeu que lhe sobreviesse algum accidente apoplectico. Em fim, á força de boas palavras e de certos carinhos Madame Dobromir conseguiu socegar-o.

No dia seguinte, pela volta do meio dia, estando todos no salão, o correio de Varsovia trouxe cartas para o Palatino e para o *copeiro* os quaes erão por ellas chamados á toda a pressa á cidade para negocios urgentes: viéra tambem outra carta dirigida a Leão, que a recebeu com anciedade por ser da princeza Julia, e que a foi ler no seu quarto.

Eis aqui o que dizia a carta:

« Já me esqueceste; um amor fraco e incompleto não resiste á ausencia. A paixão fatiga e atormenta, não é assim? É mais amavel a mulher que não tem coração, é sempre mais graciosa, por isso que não ha nada que a perturbe.

« Não sois capaz por certo de apreciar, de sentir, de comprehender o ardor e a profunda sensibilidade do meu coração... e eu vos amo, e eu vivo agora das minhas inquietações, dos meus tormentos, assim como outrora, quando vos acreditava, vivia do vosso amor.

« Já não me amaes, vós me sacrificais á uma mulher que não tem alma para vos amar, nem espirito para sentir! sim, vós me sacrificais ingrato!... Leão, Leão, tornai a mim por piedade, senão temei a minha desesperação: quem sabe onde me levará esta fatal paixão...
« Vinde, só peço tres dias, e vol-ospeço de joelhos. »

Continua.



AS IRMÃS DE CARIDADE.

No meio do aspecto tremendo de um hospital, nesse lugar onde a humanidade entregue a seus padecimentos testifica a falta do primeiro homem e reclama soccorros; que donzella é aquella que se divisa debruçada sobre o leito daquelle moribundo? Seu rosto sereno e bello como o despontar da aurora, agora colorido como se em suas faces se houvessem embutido duas folhas de rosa, está animado por um ar delicado e solícito; suas mãos, que podião sobressahir debaixo dos aparatos do luxo se applicam cuidadosas em administrar os remedios que exige o doente; seus olhos finalmente, esses olhos que podião brilhar no meio dos prazeres do mundo, desses prazeres onde não existe rea-

lidade, onde tudo é ficticio, estão brilhantes como duas pedras preciosas, porque a violencia dos soffrimentos desse homem que agonisa em seu leito de dôr, lhe tortura o coração, e quando soffre o coração força é que dos olhos se deslize-las lagrimas.

Oh! que espectáculo respeitavel!

É uma donzella que se estremece desvelada, que tudo despresa, mundo, enganos d'elle e seus prejuizos, para tratar e alliviar penas de infelizes soffredores.

Mas quem será ella, por ventura, a mãe, a esposa, a filha daquelle doente? Não: seu vestido preto e grosseiro, seus cabellos que se escondem debaixo d'uma touca branca e singella, sua boca donde não sahem queixas, que apenas baixinho repetem poderosas preces, bastante mostra que ella não é esposa, não é mãe e nem é filha. Ah! esses titulos são sagrados; elles encerrão tudo que ha de grande no mundo e lembrão dedicações e excessos; elles não dizem tanto como o desta donzella, deste anjo do Senhor. É ella uma Irmã da caridade. Como se fosse de uma outra especie, como se do Céu houvesse descido, ella ali está para allivio da humanidade, para symbolo da verdadeira caridade christã! E eil-a que marcha impavida por entre o vendaval das tempestades da vida, exercitando a caridade, essa virtude sublime que no commum sentir dos maiores padres da igreja—é a maior de todas as virtudes.

Quem ha ahi porém que já não tenha ouvido fallar destas donzellas, destas virgens mães dos filhos engeitados. Seus serviços prestados a prol da humanidade em todos os paizes onde são conhecidas, tem merecido que dellas se occupem as grandes pennas dos mais afamados escriptores modernos. Sua caridade, seu zelo, sua dedicação, estão ungidos de um caracter tão sublime, que ante ellas vão cahir e desmoronar-se todos esses colossos que se hão erguido pela loucura humana contra as admiraveis instituições do christianismo. Seus passos demandando as portas dos hospitaes onde impera em todo seu medonho quadro, a peste, a morte, a miseria, como que vão esmagando os roucos gritos sem echo desses que se riem e que lanção a saliva fetida dos doestos sobre tudo o que vêm de Deus, sobre tudo o que participa do Céu e tudo onde existe este fundo de dedicação e caridade de que suas almas estragadas são capazes.

E na verdade: uma admiração grande e cheia deste recolhimento que acompanha o homem na presença da virtude as deve escoltar por toda a parte. Porque, o mundo admira a joven que cheia de vocação se dedica aos altares, e